

## SEGURANÇA DO TRABALHO: UM ESTUDO DE EPI'S EM UMA EMPRESA DE INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE ARROZ DA CIDADE DE DOM PEDRITO – RS

BERNARD ROSA ALVES<sup>1</sup>; LARISSA SARAÇOL PINA<sup>2</sup>; ADRIANO DA SILVEIRA SEVERO<sup>3</sup>; GIOVANDRO LORETO LAUS<sup>4</sup>;

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Administração da Universidade da Região da Campanha –  
[contatobernardalves@gmail.com](mailto:contatobernardalves@gmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Administração da Universidade da Região da Campanha –  
[pinalarissa70@gmail.com](mailto:pinalarissa70@gmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de Administração da Universidade da Região da Campanha –  
[adrianosevero\\_hotmail.com](mailto:adrianosevero_hotmail.com)

<sup>4</sup> Professor do Curso de Administração da Universidade da Região da Campanha –  
[giovandrolaus@urcamp.edu.br](mailto:giovandrolaus@urcamp.edu.br)

### 1. INTRODUÇÃO

Com a competitividade cada vez mais acirrada entre as organizações e uma disputa cada vez mais feroz pela conquista de novos mercados, torna-se necessário uma maior agilidade nos processos produtivos, e isso leva os gestores a se preocuparem com a segurança de seus trabalhadores.

No ramo de indústria e comércio de arroz onde os trabalhadores estão mais propícios a sofrerem acidentes pelo fato de lidarem diretamente muitas vezes com trabalho “braçal”, inúmeros riscos acabam surgindo em meio ao desenvolvimento de suas tarefas.

Apesar do grande avanço tecnológico e a grande conscientização dos trabalhadores de que a segurança e a proteção onde desenvolve-se as atividades é essencial, ainda assim ocorrem números elevados de acidentes de trabalho. Segundo consta no site do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS,2016) no período 2014/2016 o número de acidentes de trabalho com CAT (Comunicação de Acidente de Trabalho) registrada foi de 578.935, sendo que entre eles 354.084 foram típicos, 108.150 foram de trajeto e 12.502 foi doença do trabalho, o que só reforça o cuidado que se deve manter em meio a um ambiente organizacional. Salienta-se aqui que 104.199 foram acidentes sem registro no CAT.

Segundo Marras (2011) segurança industrial ou do trabalho tem como principal função a prevenção de acidentes no trabalho e a eliminação de causas de acidentes no trabalho.

A segurança nunca pode deixar de ser considerada em qualquer atividade de sobrevivência do ser humano, tanto em uma pequena empresa, quanto em uma empresa de grande porte. Porém, o ser humano tende a deixar o que parece ser básico passar despercebido, principalmente em atividades diárias relacionadas ao seu trabalho.

Muita confiança por parte dos trabalhadores por estarem habituados à rotina acabam fazendo com que esses colaboradores deixem de usar os Equipamentos de Proteção Individual (EPI'S) obrigatórios para tal função, por isso a importância e a insistência dos gestores nos treinamentos de uso dos equipamentos de proteção individual (EPI'S) para que se evitem acidentes de trabalho.

Fantazzini (2009) considera EPI's como sendo todo o produto ou dispositivo com uso individual que são utilizados pelos trabalhadores e ou trabalhadoras, com destinação à proteção de perigos suscetíveis de ameaçar a segurança e também a saúde do colaborador em seu trabalho. Também entende todo aquele composto de vários dispositivos de fabricação nacional ou estrangeira como Equipamento Conjugado de Proteção Individual.

No ramo de comércio e indústria de arroz a segurança dos colaboradores é essencial, porém, os EPI's designados muitas vezes não são de fácil uso e adaptação o que causa a resistência de muitos colaboradores.

Por esse motivo, surgem os EPC's (Equipamento de proteção coletiva) e os EPI's (Equipamentos de proteção individual), visando reduzir os riscos de acidentes e proporcionando uma maior segurança para os trabalhadores. Entretanto, muitos deles por já estarem a muito tempo desempenhando a mesma atividade no seu local de trabalho, e no qual sentem-se confiantes em seu desempenho, acabam deixando a sua própria segurança em um segundo plano, o que não pode jamais ocorrer.

Em relação a metodologia utilizada no presente trabalho, tratou-se de um estudo de caso onde caracteriza-se a pesquisa quantitativa e exploratória.

Portanto, o principal objetivo da presente pesquisa foi a de conhecer em quais setores ocorrem o maior número de resistências e entender o porquê das dificuldades de adaptação ao uso de EPI's junto aos colaboradores de uma das empresas do ramo de indústria e comércio de arroz situado na cidade de Dom Pedrito/RS e posteriormente deixar como sugestão um cronograma de treinamento e conscientização do uso dos equipamentos de proteção.

## 2. METODOLOGIA

Quanto a metodologia utilizada na presente pesquisa, caracteriza-se como uma pesquisa de natureza quantitativa e exploratória. Santos (2000) assegura que em uma pesquisa quantitativa destacam-se como procedimentos, a coleta e a análise quantificada dos dados, que quando processados, os resultados automaticamente aparecerem. Já quanto ao seu objetivo de estudo, procura-se identificar os fatores que causam um determinado fenômeno, aprofundando o conhecimento e a sua realidade.

Foi realizado um estudo de campo junto aos colaboradores de uma empresa do ramo de indústria e comércio de arroz, para entender o porquê das dificuldades do uso de EPI's.

Como instrumento de pesquisa, utilizou-se de um questionário com 6 (seis) perguntas aplicados junto a 47 (quarenta e sete) colaboradores, visando identificar e quantificar em quais setores os colaboradores tem maior resistência ao uso dos EPI's.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na sequência serão apresentados os resultados da pesquisa na qual foi aplicada junto aos colaboradores de uma das empresas do ramo de indústria e comércio de arroz da cidade de Dom Pedrito – RS, através de um questionário visando entender as dificuldades de adaptação dos colaboradores ao uso de

equipamentos de proteção individual (EPI's). Essa pesquisa foi aplicada para 47 colaboradores sendo esses 100% do sexo masculino com idade superior a 20 anos.

Quanto aos setores nos quais os trabalhadores desempenhavam suas funções, 17,00% responderam que trabalham no setor de manutenção, 19,00% operam no setor de empacotamento, 26,00% no setor de Produção e 38,00% dos colaboradores abordados trabalham no setor de serviços gerais.

Já em relação a obrigatoriedade no uso dos EPI's, 98,00% dos trabalhadores concordavam em utilizá-los e somente 2,00% não concordavam.

Quando questionados em que situação julgavam importante o uso dos equipamentos de proteção individual, 87,00% dos colaboradores responderam que sempre e 13,00% responderam que quase sempre seria importante o seu uso.

Em relação ao conforto referente à utilização de EPI's, 43,00% dos trabalhadores sempre ficavam confortáveis com o seu uso, 55,00% quase sempre se sentiam confortáveis, e 2,00% nunca ficavam confortáveis com a utilização dos equipamentos.

Quanto a lembrança de se utilizar os EPI's na hora do desenvolvimento das suas funções, 89,00% dos respondentes disseram que sim, lembravam-se que tinham que usar os equipamentos de proteção, e 11,00% disseram que no momento da realização das suas atividades não se lembravam de utilizá-los.

Já quanto à eficiência dos equipamentos de proteção individual (EPI's), 96,00% do total dos respondentes disseram que sim, confiavam na eficiência dos EPI's e somente 4,00% responderam que não, não confiam na eficiência do uso dos equipamentos de proteção.

#### 4. CONCLUSÕES

A presente pesquisa foi realizada em uma das empresas do ramo de indústria e comércio de arroz, situada na cidade de Dom Pedrito - RS, no período de Março a Dezembro do ano de 2017, onde objetivou-se identificar junto aos colaboradores o porquê das dificuldades de adaptação e resistência ao uso dos equipamentos de proteção individual (EPI's), pois conforme o art. 19 da lei nº 8.213/91, o acidente de trabalho ocorre devido ao descuido perante o exercício do trabalho a serviço da empresa em que o colaborador se encontra.

Um ambiente agradável, sem acidentes e com um bom clima organizacional, proporciona aos colaboradores um maior bem estar, fazendo com que os mesmos se motivem mais e consequentemente aumentem sua produtividade. Sendo assim, o uso de proteção individual no ramo de indústria e comércio de arroz é de extrema importância, pois, o acidente por ato inseguro “é responsável por aproximadamente 90,00% dos acidentes de trabalho”.

Percebeu-se que o que leva o colaborador a cometer o ato inseguro, dentre outros fatores é o excesso de confiança e a falta de experiência com a utilização dos equipamentos.

As leis trabalhistas estão cada vez mais rigorosas, as empresas têm que se adequarem as novas normas, contratar pessoas qualificadas para fiscalizar funcionários e instalações. Hoje temos os profissionais técnicos em segurança do trabalho, que em conjunto com os membros das Comissões Internas de Prevenções de Acidentes (CIPA) das empresas fazem um controle rigoroso de equipamentos

individuais e coletivos, fazendo com que os funcionários mesmo em áreas de risco se sintam mais seguros e protegidos.

A importância da utilização dos EPI's e EPC's nas indústrias se torna mais necessária ainda, tendo em vista a grande exigência por parte dos gestores em oferecer produtos com mais qualidade e com mais rapidez, e isso faz com que se utilize cada vez mais processos produtivos mais complexos, e consequentemente, aumentando o número de pontos críticos de riscos com a integridade física dos trabalhadores.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FANTAZZINI, Mário Luiz. **Manual do aluno:** treinamento para membros da CIPA. 2 ed. Brasília: Sesi/DN, 2009.

LEI nº 8.2013/91. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8213cons.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8213cons.htm). Acesso em 23 de jul. de 2018.

MARRAS, Jean Pierre. **Administração de recursos humanos:** do operacional ao estratégico. 14 ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

PREVIDÊNCIA SOCIAL, AEPS 2016 – Capítulo 31. Disponível em: <http://www.previdencia.gov.br/dados-abertos/dados-abertos-previdencia-social/>. Acesso em 25 de agos. de 2018.

SANTOS, A. R. D. **Metodologia científica:** a construção do conhecimento. 3ª ed. Rio de Janeiro. DP&A Editora, 2000.